

Parte 3

Texto sem data, porém revisto em fevereiro de 2012

O obá retornou de seu retiro espiritual, onde cumpriu com os deveres para com o universo politeísta submarino; lançou e recolheu oferendas do Rio Sagrado. Estava pronto, portanto, entendia assim, para enfrentar as mazelas do mundo da superfície.

Aglomerava-se um grande número de personagens da mais alta hierarquia do reino, quando o obá adentrou ao imenso salão que escolheu para reunião, aquele mesmo que um dia almoçara, num canto da desmesurada mesa, com sua amada Agahowa. O todo poderoso que chegava, ainda outra vez sentiu a presença da mulher efik e seu olor que se sobrepôs à fragrância de mata (**aqui é travessão, se tiver outro sinal alterá-lo em todo o texto apertando em Ctrl L - e na caixa que se abrir, apertar em substituir**) — essa o que todos os demais sentiam.

Como um palácio europeu, todavia em meio à mata tropical, grandes furos informes nas ramagens das árvores davam passagem a fachos de luz, que pareciam holofotes a traspassar imensos vitrais, como que trabalhados naquele instante e mudados a cada segundo, conforme a suave brisa determinasse o movimento das mil ramagens, dos mil galhos, de mil folhas, de orquídeas mil; do cruzar desabusado de macacos; do esvoaçar das araras — e diferentemente do modelo original, forjado no fogo das oficinas de vidraceiros, tornado cristal multicolor, ali a natureza os construía e destruía-os a cada instante, refazendo tudo novamente e outra vez, num ciclo alternado e perpétuo, enquanto a luz insistisse em por ali passar.

Um raio de sol, usurpador da barreira natural, atingia naquele momento em cheio ao prefeito de Ughoton, que se exasperava em mudar de posição, sendo perseguido pela luz e seu calor. Ao lado de Obayemí, à sua direita, posição incômoda que se mantinha havia anos e cujo mal-estar somente aumentava, com o acúmulo do tempo, Abiolá resmungou alguma coisa para o vizinho, reclamando da natureza.

Pois nesse ambiente, estavam além dos *uzamas* chefes das cidades de Benim e Ughoton, também o da pequena Sapele, mais ao sul de Ughoton. A ausência mais notada era do *uzama* de Udo, igualmente pequena, mas estratégica pois postada num

corredor comercial direcionado às terras do iorubo. O general Eyô Akpô estava firme em seu lugar de sempre, mas despontava a seu lado uma das novidades do encontro. Nada mais do que um importante comandante de ala da infantaria, um jovem de nome Ewuarê sentava-se a seu lado. Ainda no rol das novas caras estava outro moço, Ogundelê, tesoureiro do reino, um jovem *uzama*. E ao lado do obá, apenas que afastado um pouco, num recuo que mostrava hierarquia, estava Obarô, seu irmão sem título específico, mas uma espécie de senhor da guerra, o que o colocava acima do general Akpô, sem que esse perdesse sua histórica posição. Em verdade, a posição estava perdida. Ele assumira a condição de comandante de honra do Exército de Benim. O novo comandante de fato, Ewuarê, ostentando já o título de *iyase* era tão juvenil quanto Obarô; não fora um de seus amigos de infância. Mostrara-se sim eficiente nas campanhas empreendidas de punição a províncias rebeldes, que o irmão do obá, comandante de fato do Exército, o havia notado e prestigiado. Foi investido na condição de chefe militar, um *iyase*, categoria de altos hierarcas, abaixo dos *uzamas*. Agora, estava sentando bem ao lado do general, este encurvado, sorumbático, ensimesmado. Aquele, uma imagem desempenada, altiva, arrogante até — como Eyô Akpô deveria ter sido, quarenta anos atrás. Numa próxima campanha, o velho ficaria em Benim, e o outrora comandante de ala, chefiaria, sob as ordens diretas do irmão do obá, toda a operação, envolvendo ainda apoio eqüestre.

Os meios logísticos, sempre passaram pelas mãos do velho Obayemí; eram agora geridos pelo tesoureiro, Ogundelê, que se reportava diretamente ao obá. Tinha a chave do cofre e a confiança ilimitada de Ovonramwen. Era um jovem *uzama*, detentor do título de *eribo* — responsável pelas operações internacionais do reino. Era visto com ciúmes por muitos antigos *uzamas*, especialmente o prefeito de Ughoton. Em nome do obá ele centralizava cada vez mais para a capital as receitas do reino.

Por derradeiro, enchiam a mesa, outros dois *uzamas* e uma serie de *veadores*, assessores de nível superior, cujo título vinha do português veador — inspetor ou fiscal, com ascendência sobre as operações de alguns *uzamas*.

O obá fez uma saudação aos presentes, abrindo a reunião, trazendo a força espiritual dos deuses ancestrais, haurida no recente retiro espiritual de que participara, especialmente, de sua estada às margens do Rio Sagrado. Ficou em silêncio por um

instante, o mesmo fazendo toda a congregação, gerando uma calada tão profunda a ponto de um cacau maduro, desprendendo-se de seu caule e caindo no meio da mesa, fazer um barulho tamanho que a todos excitou, voltando às cabeças nervosamente para a fruta esborrachada.

O obá falou:

— Quero comunicar a todos os presentes que tomei a decisão de entregar o Palácio da Honra Militar, seguindo a tradição de nosso povo, ao grande general, venerável *uzama*, respeitado *iyase*, descendente do grande guerreiro e maior comandante de guerras, o glorioso Ekpennedê. Como justa recompensa a seus feitos militares, desde os tempos de meu pai Adolô, o general Eyô Akpô viverá até o último de seus dias, nesta encarnação, próximo à residência da Rainha-mãe. O Estado haverá de se encarregar da tarefa de manter a dignidade do honorável que se afasta.

Houve um desejo calado, profundo, de suspiros de admiração, na vontade refreada de muitos dos presentes. A decisão do obá surpreendia a todos. É verdade que, estando a desfrutar uma longa vida, sua substituição era questão de tempo: ou pela morte natural — já não ia mais guerrear — ou da forma como estava acontecendo, com o aparecimento de lideranças novas, como eram o próprio obá, seu irmão e outros que assumiam cargos importantes no reino que se revitalizava.

Todos quietos, o general de cabeça baixa, prosseguiu o obá:

— Assume, desde este instante, o comando do Exército de Benim, o comandante de ala de infantaria, agora general, o *iyase* Ewuarê, ficando responsável pela histórica defesa de nossa Nação. Que ocupe, o general, o Palácio de Benim.

E numa outra demonstração de novos tempos, foi claro decidindo monocraticamente:

— É meu irmão, Obarô, o Senhor da Guerra e, como tal, a ele Ewuarê deve se reportar.

As história dos reinos iorubanos, onde se inseria Benim, era marcado pelas disputas entre irmãos. Repetiam-se, no passar dos séculos, histórias de lutas fratricidas, do surgimento de novos reinos, com o desmembramento de frações territoriais disputadas por herdeiros. Um obá confiar por completo o Exército a um

irmão era uma grande novidade histórica, fazendo com que aquele fosse um dia de fortes emoções para os eleitos, sentados em torno à mesa real.

E, encerrando sua pequena participação como dono da cena, fechou-a dando uma resposta de jovem, num cala boca, à intrigas palacianas de seu comportamento pessoal e à tentações de subversão:

— O Obá é Divino, e todas as decisões que tomou e tomará, são e serão sempre a vontade de nosso Deus soberano, em mim encarnado. E não hesitarei em ser digno do poder que ele me confere, exercitando-o, sempre que necessário, da forma que se fizer mister.

E arrematou voz trovejante, do alto de seus cento oitenta centímetros de altura, e uns noventa quilos de peso:

— Quem tem o poder e não o exerce, é dele despojado.

A frase final encerrava uma grande ironia na vida do obá Ovonramwen. A História registraria um dia: não deixou jamais de exercer o poder, enquanto obá.

Sentou-se tranqüilo. Nem o calor ambiente, tampouco qualquer emoção que suas palavras, suas frases, seus conceitos e insinuações, todos, pudessem gerar, fizeram com que transpirasse mais do que estaria suando numa tarde quente como aquela.

Ergueu-se o Senhor da Guerra, Obarô:

— Divino Obá: Não mais há condições para suportar a desobediência que graça em Udo. — Fez uma pausa e, satisfeito, ouviu o rumorejar positivo dos presentes; ruído que foi uma ausência total quando quem falava ou parava de falar era o obá.. Continuou: — Ikme, o *uzama* de Udo, tem gerado uma serie de conflitos na área, não somente atormentando os vizinhos, mas, especialmente, gerando confusão no tráfego de caravanas à caminho das terras do iorubo. Não tenho outra sugestão ao Divino Obá senão que se faça a intervenção militar em Udo, colocando-se um novo administrador do território.

Obarô esperou por uma manifestação de seu irmão, que veio com o agitar de sua mão, indicando que falasse Obayemí, o conselheiro de seu pai e ainda de si mesmo. O velho *uzama* ergueu-se lentamente e foi falando:

— O que está ocorrendo em Udô não é exclusividade de Ikme. Em outras partes do reino há rebeliões, e a raiz disso já não são mais os motivos de antigamente. Ou são, de maneira diferente: temos agora pólos de conflito entre tipos diferentes de comerciantes. Há políticas ditadas por Benim que encontram resistência nas facilidades que os europeus dão aos povos do interior. Inclino-me pela mediação com Ikme e com outros *uzamas* de províncias que estão descontentes.

Ainda outra vez o obá nada falou. Fez o gesto de antes, desta feita na direção do *uzama* de Ughoton.

— Eu tenho enfrentado a concorrência dos europeus em geral. O comércio de escravos foi destruído pelos ingleses. Os movimentos libertários levaram ao fim da escravidão no Brasil, no mesmo ano que o Divino Obá ascendeu ao trono. Temos que sobreviver com a produção interna dos produtos que consumimos e vendemos para outras partes. Mas aí vem a concorrência externa...

O prefeito de Ughoton fez uma pausa e, como aquela parecia ser uma reunião de inesperadas atitudes, o velho Obayemí a seu lado, sem que o obá o chamasse, mas parecendo que havia se esquecido de dizer algo em sua fala que antecederia ao que agora usava da palavra, falou:

— As missões religiosas do ingleses transformaram-se, lá de longe, antes da terra dos Achantís e por quase todas as terras do iorubo, em grandes empresas de comércio, cruzando nossos rios com pequenos e rápidos barcos com motor, esmagando nosso comércio...

Terminou sua fala e ficou quieto. O obá escusou-se de comentários. Quem estava falando continuou:

— ... os nossos têxteis foram aniquilados pelas fazendas vindas do Brasil. Não tenho rebelião nem em Ughoton, tampouco na vizinha Sapele, cujo digno *uzama* poderá falar por si mesmo, pois aqui está. Assim, consigo divisar um inimigo comum, os novos invasores, espalhando seus tentáculos por toda a parte.

O obá levantou a mão, indicando que falasse Kotoú, mestre dos metais, o homem que tinha contato direto com deuses de mundos desconhecidos.

— Tive um sonho, certa noite... — começou com voz tranqüila, alterando o tom daquela reunião tensa; era a voz de um menestrel, estar naquele recinto, para ele, era

mera imposição protocolar, preferia sua oficina e seu mundo interior. Chamado pelo obá, iria por para fora de seu ser algo muito íntimo. Prosseguiu: ... e nesse sonho nosso Rio Sagrado se tornou vermelho; nesse sonho eu vi o Divino Obá numa cidade com um grande porto comercial, mas não era Ughoton. Vi o Divino Obá com toda a sua dignidade, mas não estava no palácio. Nesse sonho eu vi que estavam ausentes os membros do Obá, não de seu corpo, mas de sua ação, alguns dos grandes *uzamas*. Ele caminhava ladeado por dois senhores, um igual ao outro, mesmo que vestindo roupas diferentes, cada um deles.

Pela primeira vez, então, ante a pausa longa, que era um ponto final da participação de Kotoú, o obá se manifestou sem o gesto de comando para que alguém falasse. Indagou:

— Que terra é essa, diz, meu *iguneronmwan*, meu mestre dos metais?

Surpreendeu-se o intelecto de Kotoú pois lhe veio à cabeça o nome da cidade, de seu sonho. Era Calabar. Como ainda estava de pé, racionalmente o mestre dos metais, amigo de infância e protegido do obá, tomou uma decisão: mentir:

— Não sei... eu nunca sei!

O obá não chegou a externar desapontamento. Intimamente, entretanto, sentiu-se frustrado, pois havia um conjunto de mensagens divinas inextricáveis na participação do Kotoú. Essa premonição de Kotoú era por demais real, assim sentiu Ovonramwen. Mas sabia que não iria adiantar insistir com seu místico súdito.

— Temos situações diversas — retomou o obá — o Senhor da Guerra, Obarô deve marchar sobre Udô e impor a ordem. Está decidido. Que os preparativos sejam executados e que Obarô repita o ditado edo que diz: o soldado sempre volta, como voltam o sol e a lua.

Encerrando o capítulo da guerra, recordou o obá:

— Obarô segue para Udo, não como na história de nossa gente, quando irmãos disputando domínio, escolheu um deles se homiziar em Udô e disputar o comando do reino com Benim. Obarô jamais será um Arhuanran — deu ênfase especial ao nome do histórico traidor, e prosseguiu de forma impessoal — por isto ele é o meu Senhor da Guerra.

Falou a seguir da paz. Desta feita, de forma diversa de quando informou sobre a aposentadoria compulsória de Akpô — perpassou por seu corpo um arrepio. Mas, se conteve e pensou: ou exercer o poder ou sofrer as conseqüências. Informou:

— Estou substituindo o verdadeiramente irmão de meu pai, mesmo sem ter o seu sangue; substituo, porque compartilho com Deus a decisão, o maior dos *uzamas*, o *ezomo* Obayemí, descendente direito dos grandes *iyase* que vieram instaurar a monarquia em Benim. É de minha vontade que ele descanse com os seus familiares e seus amigos em suas propriedades, até o último de seus dias nesta encarnação. O grande Obayemí, humilde súdito e venerável companheiro de meu pai, o grande obá Adolô já cumpriu, de forma brilhante e irretocável, sua tarefa junto à corte do obá, na administração complexa do Estado.

Fez-se um profundo e duradouro silêncio. A aposentadoria de Eyô Akpô já fora um choque, agora a do todo poderoso chefe da capital do reino, o prefeito de Benim, constituía-se numa arrasadora novidade. E mais notável porque Obayemí não havia gerado, no universo de esposas que possuía, um só varão. Quebrara-se em si a histórica sucessão. Todos sabiam que ele não tinha herdeiro que assumisse a condição de *ezomo*. Estava, finalmente, aberta a porta para Abiolá, chefe da segunda cidade do reino e um descendente dos fundadores do reino, tal como Obayemí. O silêncio foi quebrado pelo obá que acrescentou:

— Estou apontando para substituir o *ezomo* Obayemí ...

A reticência real foi um pouco teatral. Quis deliberadamente gerar um clímax. Enquanto a reticência pairava no ar, numa das posições da mesa havia um homem em quem a idade não havia arrefecido a esperança de ser o condestável do reino, o substituto de Obayemí. Era o chefe de Ughoton. A pausa real provocou uma brutal descarga de adrenalina no sistema fisiológico do velho *uzama*. Seu coração disparou de tranquilos setenta batimentos para um patamar imediato de cem, acelerando-se mais e mais. O coração incontrolado, fazendo latejar as têmperas, provocando sensível angina. Aguardou pela definição do obá.

E o rei disse:

— ... Ogundelê. O novo chefe da cidade de Benim, desde hoje, é o *uzama* Ogundelê.

Ainda outra vez ninguém ousou suspirar, senão que o próprio prefeito de Ughoton, Abiolá. Mas foi seu último suspiro. Tombou, o torso sobre a grande mesa, inerte, fulminado por um ataque cardíaco.

Surpreso, como todos os demais, Obayemí, ao lado do morto, não tinha como discriminar os sentimentos de perda acumulados naquele instante, ainda que um desses sentimentos fosse a perda de um rival tão antigo que, sentia naquele momento, a velha rivalidade fazia parte do lado bom da vida. Obayemí era, naquele instante, alguém que estava perdendo tudo.

Se houve paz para a alma daquele corpo meio jacente na mesa, a reunião acabara em clima de guerra; a ordem de hostilidade fora expedida.

De resto, uma pesada nuvem de tabus caíra sobre o recinto. Emotan, a grande sacerdotisa, adentrou o ambiente, trazendo consigo quatro dos supremos-sacerdotes, iniciando um ritual que envolveu a abertura de caminho para a saída imediata do obá. Enquanto os religiosos se dividiam em atuações diversas, o ambiente foi-se aos poucos esvaziando até que restou, da mesma forma, inerte, Abiolá, um corpo. Suas aspirações de poder, sua importância por anos tantos no comando do grande porto marítimo do país podia ser ali medida na forma com que encerrou sua participação na grande reunião com o obá: três dos mais humildes serviçais do palácio removeram seus restos, colocando-os numa espécie de rede de dormir. Levaram-nos para uma câmara especial, nas dependências do palácio. Seus assessores já estavam prestes a ajudar o *uzama* Akembê, tesoureiro de Ughoton, homem de confiança, havia muitos anos, do falecido Abiolá.

Antes de se iniciarem os preparativos para a guerra ordenada, fazia-se mister prestar as primeiras homenagens fúnebres ao ilustre morto. A temperatura equatorial determinava que não apenas o corpo de Abiolá mas de qualquer mortal tivesse de ser em seguida dado à terra. Daí porque funerais aconteciam até um ano depois da morte de uma pessoa. Seu corpo já se havia decomposto há muito. Cumpriam-se rituais funéreos. Assim ocorria com Abiolá. No dia seguinte, coberto com uma de suas vistosas batas, envolto por um largo pano branco, foi acolhido pelo ventre do solo, que aberto por forte homens e suas pás, fechou-se pouco depois, deixando no local o montículo da terra expulsa para dar lugar ao corpo, sem maiores solenidades,

ensejando o seguimento do processo natural de digestão de suas carnes, já iniciado na decomposição da matéria em necrose. Seguia dentro de seu corpo sem alma, a cadeia ecológica sobrevivente à sua própria vida, na reunião de um mundo de germes, vermes e outros habitantes do subsolo, todos juntos no mesmo ambiente que dá seiva às árvores, aos vegetais enfim que florescem uns, e agradam aos olhos, e alimentam outros, saciando a fome, dos vivos na superfície. Abiolá, como os demais enterrados, integrava-se novamente à cadeia vital, apenas de forma diversa daquela desfrutada ao longo de seus setenta e poucos anos como ser humano.

Abiolá já era septuagenário quando morreu, era um ancião, portanto, cerca de um ano adiante, em Ughoton, haveria o funeral. As mulheres iriam se reunir em grupos de irmãs, de primas ou simplesmente amigas e, juntas, escolher peças inteiras de pano da Costa, e com elas confeccionarem vestidos de cores vivas. Seriam dezenas com um mesmo tom e estilo de vestimenta; outras dezenas estariam com tons e estilos distintos. Não havia o desejo de apenas uma mulher estar vestida diferente das demais. Isso era, absolutamente, inadmissível, um ato reprovável de egoísmo. Os homens, fariam o possível para vestir branco, e quanto mais alvo e mais brocado o tecido, maior a importância do cidadão. O funeral de um ancião era ali como em quase toda a África, um grande acontecimento. Haveria muita comida, muita música, muita dança. Jovens se encontrariam e iriam se preparar para a geração de novas famílias, adiante. Adultos, uns, escapariam para atrás das árvores, ou das moitas, para libidinosamente confundir suas secreções. E poderosos como eram os familiares do morto, o funeral havia de se constituir numa demonstração ostensiva dessa riqueza. Mas isto seria um ano adiante.

Agora, o obá retomara a suas atividades normais e despachava com seu irmão Obarô, com Ewuarê e Ogundelê. Os passos da marcha sobre Udô estavam sendo ajustados com o senhor da guerra, seu imediato e com o tesoureiro.

— Necessito de mais armas, e elas estão em Ughoton. As notícias de tua decisão, Obá, vão se alastrar. Não os pegaremos de surpresa.

— Não há porque ter surpresa — disse enfático o obá — tens lá conflitos de arruaceiros, deves pois, impor a ordem, deixar um interventor e vir embora.

— Mais especificamente, Obá, eu necessito de quinhentos novos mosquetes.

O obá virou-se para Ogundelê, e indagou:

— Podemos usar de fundos locais ou temos o bastante em Ughoton?

— Temos o bastante em Ughoton, mas precisamos transferir recursos para Calabar, também. — Respondeu o tesoureiro, numa lembrança ao obá que o pedido de armas e mantimentos para Ughoton exigia a assunção de compromissos financeiros, às vezes políticos, cujos operadores e beneficiados eram sociedades comerciais e heterias existentes em Calabar.

— Espero em um mês ter as armas e os mantimentos para iniciar a jornada em direção a Udo. — Perguntou e afirmou ao mesmo tempo, olhando para seu irmão o obá.

Meio que sem saber se obteria resposta, mas pondo para fora uma angústia, um sentimento que toldava sua compreensão e dificultava escrutinar, entre as informações que recebia de diversas fontes, aonde estava a verdade, o obá dirigiu-se a seu irmão:

— As arruaças que estão ocorrendo em Udô e no seu entorno são efetivamente manifestações contra a capital do reino?

— Sim, Obá, são claramente desafio ao mando imperial. — Respondeu Obarô.

O obá não disse nada, apenas olhou para Ogundelê, e este se viu obrigado a falar:

— Alegam que nossos veadores estão cobrando mais do que podem suportar; dizem que não têm recursos para transferir para Benim... — Olhou, então, o tesoureiro para Ewure, novo general, como que pedindo seu apoio, e disse: — Mas eles têm comprado muita coisa nova, vinda pelo corredor do iorubo, desembarcada no Eko — referia-se ao nome antigo de Lagos — de origem inglesa. Fez um ponto mas emendou seu pensamento não dando ensejo para que o obá entendesse que havia terminado sua deixa. Acrescentou, olhando para Obarô, como que a pedir licença: — Armas modernas, Divino Obá, têm passado pelo corredor e desaparecem em Udo. — E como se tivesse um jorro de informações, tomou ar e arrematou: — Ikme o *uzama* de Udô está escamoteando recursos que teriam de vir para a capital e, com esses recursos, está se armando.

O obá absorveu nova informação e questionou:

— Os ingleses estão por trás de Ikme?

A pergunta foi dirigida a ninguém ou a todos os três, que se entreolharam, como que a indagar um do outro quem deveria responder. Como o irmão ficou quieto, fazendo o mesmo o jovem general, Ogundelê respondeu segundo sua interpretação.

— Estamos, Divino Obá, no torvelinho de grandes eventos políticos. — Disse e fez uma pausa despreocupada; sabia que o obá queria ouvir mais a respeito, e sentiu que seus dois companheiros não tinham preparo para lidar com a matéria que estava pondo à mesa do soberano de Benim. Prosseguiu — A questão envolve mais do que os ingleses; há serias disputas entre ingleses e franceses. Sistemáticamente eles tomam conta de uma grande porção de terra e disputam entre si a manutenção do sítio adquirido. — Fez nova pausa, e ainda desta vez o obá se manteve calado, como estáticos ficaram Obarô e Ewuare. A região onde estamos está muito próxima geograficamente de Lagos — não se referiu de propósito a Eko —, que é colônia da Inglaterra; que foi brutalmente tomada por uma força tarefa, de uma marinha de guerra fantásticamente poderosa. O desejo de dominação britânica não vai parar territorialmente em Lagos.

O obá suspirou, como qualquer mortal, confrontado com uma realidade crua, como exposta por seu tesoureiro, homem que dentre outras coisas andava por Calabar e, também, pela Europa, administrando recursos financeiros do reino, que se confundiam com os do obá. Era muito mais preparado do que praticamente todos os hierarcas do reino, e tinha uma visão das coisas que chocava a compreensão do obá; mas esse obá, ao contrário do que por certo fariam seus antecessores, dava crédito, não ilimitado, mas em grande parte, às ponderações do homem do dinheiro real.

Obarô achou que devia falar, e disse:

— Há uma estratégia a ser seguida, devemos fechar um anel em torno ao reino, começando a fechá-lo com a intervenção em Udo. Um corredor de entrada estará enclausurado.

O tesoureiro olhou para o obá e sentiu consentimento expreso para falar:

— Boa a tática de nosso Senhor da Guerra. Acho que podemos interferir no processo, fechando a passagem de Udô e pondo a província sob controle. Ikme tem de ser dobrado. Entretanto, peço ao Divino Obá para que considere a possibilidade de nossos mediadores diplomáticos conversarem com os representantes de Londres que

estão em Lagos, começando um processo que assegure um novo tipo de relacionamento comercial com os britânicos, enquanto mantemos, com o poder bélico de que dispomos, nossas províncias sob controle e assegurando a tranqüilidade necessárias ao transito de mercadorias.

A posição do tesoureiro era conciliadora e se inseria no espírito reinante na reunião: o obá não estava interessado em manter custosa política de enfrentamento com suas províncias, impondo-lhes à força o pagamento de seus impostos, e também não desconhecia o perigo iminente e imprevisível de confrontar com os ingleses. Sua proposta também atendia ao desejo bélico do irmão do obá de pôr na rua seus homens e dobrar a impertinência de Udô à força.

A reunião ficou por aí. Havia decisão e restava maturar alguns pontos. Assim que, surpreso, Ogundelê, dois dias após a reunião, foi chamado à sós no Palácio, quando ouviu a seguinte ordem do obá:

— Tu vais a Lagos e negocia com os ingleses um meio de Benim continuar administrando seus problemas internos. Os religiosos e os comerciantes britânicos receberão um tratamento mais tolerante por parte do obá.

O tesoureiro era jovem, tinha boa fé. Percebia, entretanto, uma concessão do obá. Ou melhor, duas concessões: ir falar com os ingleses, ainda que através de um intermediário, e propor algo que eles poderiam negar. A missão era importante não apenas para Benim, mas especialmente para seu futuro como hierarca de sucesso. Pensou em consultar o velho aposentado Obayemí, mas desistiu, supondo que o obá viria a saber e, eventualmente, talvez na gostasse.

— Devo seguir quando?

— Imediatamente, em um dia ou dois, assim que acomodares tuas coisas aqui.

— Determinou o obá.

Não foi por coincidência, senão que parte de um jogo pesado que se desenvolvia naquele período, na região, que ao chegar em casa Ogundelê foi informado de que Cranfield, o missionário inglês, desejava vê-lo. Tinha estado ali e voltaria mais tarde.

Pouco depois, sentavam-se os dois homens numa espécie de grande avarandado da casa do tesoureiro real, num dia que ia terminando, e que se constituía na ante-véspera dum grande festival religioso, que impediria um encontro como esse. Durante o festival, que duraria dois dias, ninguém podia sair de casa após o anoitecer sob pena de ser sacrificado pelas centenas de sacerdotes que deambulavam pelas ruas de Benim, em permanente prestação de louvor aos deuses. Cranfield ao fim da reunião poderia se deslocar a salvo pelos cruzamentos da cidade, sem ser decapitado.

O tema que veio à baila — após um breve tempo em que houve troca de assuntos amenos, como era já agora a morte de Abiolá — foi o das dificuldades que o governo central estava enfrentando com determinadas províncias. O inglês fez alguns rodeios, elogiando atitudes conhecidas do obá; ele desconhecia, ainda, a declaração de guerra punitiva contra Udo, conduzindo o assunto para a necessidade de uma cooperação entre a Inglaterra e Benim.

— Há um sentimento na metrópole — falou Cranfield, referindo-se a Londres — de que precisamos aumentar o comércio com Benim. Em verdade, houve um significativo aumento nos últimos anos de vida do obá Adolô.

Aquilo que, dez anos atrás, era objeto de discussão entre o obá e os chefes de Benim e Ughoton, prevalecera em favor dos ingleses. Esses conseguiram afastar progressivamente os holandeses do comércio, e a personalidade dos ingleses passou na mesma progressão a se revelar de forma diversa daquela que imaginava Adolô e, de certa forma, o prefeito agora falecido Abiolá, mas que não causara surpresa ao velho chefe Obayemí. Neste momento, Ogundelê, olhando para seu interlocutor Cranfield, via um nele um rival, nunca um amigo. Por isso pensara em falar com Obayemí, ao receber o encargo de ir a Lagos.

Ogundelê indagou, ponderando:

— Até que ponto a Inglaterra estaria interessada cooperar no controle aos conflitos das províncias? Não se sabe de hostilidade aos britânicos, ao mesmo tempo em que as missões religiosas funcionam normalmente e os comerciantes vendem tudo à partir de Ughoton.

— Sou pouco mais do que um pregador de aldeia, ainda que minha aldeia seja a capital do Reino — fingiu modéstia o missionário, e prosseguiu —, mas nas visitas que

recebo de meus compatriotas, todos trazem a mensagem real de que a coroa britânica deseja se associar a Benim e restabelecer a ordem no interior.

— Mesmo que armas inglesas sejam vendidas para alguns desses grupos sublevados?

— Sei, apenas, senhor Ogundelê, que vendemos muitos artigos para inúmeros compradores — fez-se de desentendido o inglês —, pode estar aí armamento, também. Mas isto não afasta o desejo superior de uma cooperação mais ampla entre os nossos reinos.

— Estou indo a Lagos — informou formalmente o dono da casa — e vou conversar com autoridades inglesas. Espero encontrar espírito aberto para uma solução que nos interesse a todos.

— Pode estar certo, senhor Ogundelê, encontrará espírito aberto para uma cooperação duradoura entre Inglaterra e Benim.

□ □ □ □ □ □

Houve uma breve solenidade formal, em que Obarô, o senhor da guerra e o seu imediato Ewuare, compareceram ante o obá para apresentar despedidas. Estaria iniciando-se no dia seguinte, bem cedo, a jornada a ser empreendida pelo Exército de Benim, rumo às terras a noroeste, onde localizava-se Udo, a fronteira de um território que já se delineava como de colonização da Inglaterra. Obarô e Ovonramwen, pouco antes da chegada do general ficaram a sós, abstraídos da situação política do momento, recordando bons momentos que haviam passado juntos, especialmente ao tempo em que Adolô, seu pai, ainda era o senhor todo poderoso do Reino de Benim. O atual obá não tinha um tom sombrio em suas memórias; não, o que conversavam era uma coleção de bons momentos, vividos dentro dos muros do palácio ou nos exteriores das muralhas, terras sem fim, propícias para a formação de um rosário de experiências que se foram acumulando com a idade.

Falaram, os dois, sobre mulheres e sexo; mas quando Obarô sem maldade levou o romance de seu irmão com a estrangeira para esse lado, sentiu que Ovonramwen não apreciou a incursão, o que levou Obarô a, de imediato, trilhar outro rumo. A marca deixada por Agahowa era muito profunda — o obá havia experimentado um sentimento que, inexplicável, tornara-se algo para ser conservado num canto muito especial de seu ser, assim como fazia com pura sinceridade com relação às divindades veneradas e idolatradas por seu povo. Era intensamente particular, seu sentimento com relação à mulher efik, assim como era diferente no mais amplo sentido, o tratamento que dava e recebia do irmão, a tal ponto que se recusou, ele o poderoso obá, a deixar o assunto sexo enveredar para o lado de Agahowa, mas aceitou a história antiga e dela riu muito junto com o mano a seu lado, quando numa rememoração póstuma a amigo comum, falecido em consequência da circuncisão, Obarô brincou com o tamanho do membro destroçado e a perda que as mulheres da corte tiveram, sem nunca haverem experimentado Kpandonú. E riram mais, os dois, quando irreverente, Obarô arrematou: — A mão dele... não perdeu nada!

Juntaram-se, Obarô e seu divino irmão, ao general, quando houve uma monótona repetição da estratégia de combate, do objetivo da campanha e do resultado que o Estado esperava de seus soldados. O obá Ovonramwen abençoou a ambos, fazendo o mesmo, logo a seguir, Emotan, que estava junto com Kotoú, o mestre dos metais. A velha sacerdotisa fez Obarô curvar-se um tanto para vestir-

Ihe, pela cabeça, uma espécie de escapulário, constituído de um pequeno saquinho chato, onde ela alojara fragmentos de ervas e poeiras calcárias, retiradas de um de seus altares. Era uma guia de proteção contra as adversidades da jornada que ele estava prestes a iniciar. Com respeito, convicção e fé na veneranda anciã, Obarô sentiu as finas tiras do pano passarem raspando a seus cabelos e orelhas, tocando em seus ombros, onde se fixaram, e experimentou o contato do saquinho áspero a roçar contra algumas penugens à altura de seu plexo solar.

— Osanobua e Olokum, nossos deuses maiores, estarão contigo.— Vaticinou a sacerdotisa. O Divino Obá, nosso senhor Ovonramwen, estará a teu lado, em cada passo. Adolô, teu avô, guiará os caminhos que serão seguidos por Ovonramwen em tua proteção. Osemwende, pai de Adolô, teu bisavô, guiará os caminhos que serão trilhados em tua proteção por Adolô e Ovonramwen...” **aqui tem aspas, depois da reticência; se estiver outro sinal substituí-lo como sugerido para travessão, acima)** — Emotan, repositório da tradição oral de Benim, foi repetindo a cronologia dos obás até o primeiro deles, que vivera em imemoriais anos do século dezesseis. Ela continuou falando monótona e ordenadamente, na mesma seqüência, do presente em direção ao passado remoto: *Akengbuda, Eresoyen, Akenzua I, Ozuere, Ewuakpe, Ore Oghene, Akengbedo, Ahenkpaye, Akengboi, Akenzae, Ahenzae, Ohuan* e o primeiro deles, *Ehengbuda*.¹

— Não iriei esquecer, oh Grande Sacerdotisa, veículo de ligação entre homens e divindades, de repetir, cada noite, antes que entre no mundo dos sonhos de glória e vitórias, a oração em homenagem a cada um de nossos ancestrais. Rezarei por...

Obarô, num ritualismo que repercutia os antigos, e que ele mesmo já praticara na véspera de outras operações de guerra, passou a repetir, do passado em direção a seu irmão, o presente obá, o rol que Emotan recitara: — ... *Ehengbuda, Ohuan*...

Estavam noutra ambiente; Benim ficara para trás da horda de soldados do reino. Cinco ou seis dias haviam caminhado, abrigando-se de tempos em tempos em bivaques. Num desses acampamentos, sentando numa pedra, distantes da soldadesca, Obarô conversava com Ewarê, seu general imediato:

¹ - Relação recolhida por Paula Girshick Ben-Amos, in *Art, Innovation, and Politics in Eighteenth-Century Benin*.

— Vamos ter resistência inexpressiva lá em baixo. — Obarô se referia, sem olhar ou indicar com a mão, um aldeamento que ficava no caminho que iriam trilhar, após levantarem acampamento. E prosseguiu: — Tu organiza um grupo para avançar bem adiante, o que formará uma retaguarda e, depois, empurramos a resistência que houver contra essa coluna.

— Tomamos tudo? — Questionou o general.

— Não. O que julgares necessário até o próximo ataque.

— E por que não tudo? — Indagou por indagar, pois já haviam estado juntos antes e Obarô se comportava sempre assim. Nesse jogo, aparente, Obarô explicou ainda outra vez: — Meu irmão deseja que assim se proceda.

Qual menino na fase dos porquês, o general enviou outro porquê, tendo como resposta uma história:

— Quando éramos meninos e brincávamos de guerra, eu entendia que deveríamos arrasar com os inimigos, afinal eram inimigos e soldados são feitos para matar os inimigos. — Pausou, Obarô, apanhou uma vara que jazia ao acaso a seu lado, vergou-a e então apontou ao mesmo, mas a direção era da vila lá adiante, e continuou: — Idugbowa, meu irmão, achava que eu estava errado, que deveríamos vencer o inimigo, deixando vivos para que reconstruíssem seu mundo o máximo possível; haveria novas guerras e eles teriam coisas para serem conquistadas.

— E escravos? Indagou o general.

— Bom, mandá-los para longe, meu irmão também não concordava. Tê-los em casa para suprir nossas necessidades, isto é uma coisa natural; sempre foi assim.

A conversa foi adiante, Obarô mostrando ao amigo suas convicções, que se moldaram à vontade de seu irmão mais velho, o obá. Tinha uma personalidade própria, de guerreiro, e iria exercitá-la ainda mais uma vez, mas os conceitos de Ovonramwen, que já eram diferentes do de seu pai, o obá Adolô, havia permeado em sua personalidade. Era um militar forte, mas com sensibilidade incomum em meio a seus pares, no tempo em que viviam.

Levantado o acampamento, nas diversas frentes de exército, a legião comandada por Obarô deixou a primeira marca do tipo de guerra que empreendia, tempos em tempos, por gerações imemoriais. À medida em que o exército ia avançando impunham à pequenas comunidades postadas em sua rota, qual uma legião predadora, o preço da suserania. Eram confiscados os gêneros de que

necessitava a força armada, para prosseguir em sua rota. Não havia como estocar alimentos, em campanhas que envolviam inimigos postados a grandes distâncias. Alguns tipos de carnes salgadas faziam parte do plano logístico, da mesma forma alguns tipos de cereais. Um dos temores das pequenas comunidades interioranas com relação às guerras não era serem alvo das garruchas ou das lanças, flechas e outras armas dos inimigos, senão que a pura e simples tomada de seus alimentos.

Seguindo sempre em frente, juntando novos soldados, voluntários ou não, na rumo do objetivo bélico, o Exército ia deixando atrás de si, como se derrotados numa batalha inexistente, comunidades que tinham de recomeçar tudo: replantar suas pequenas searas; recriar suas galinhas, cabras, e dar paz a seus poços d'água, exauridos ao extremo na ânsia sedenta dos militares. E se mesmo no pior pode haver um ganho, agora, ao contrário de antão, não estavam sendo incluídos na conta do confisco homens, mulheres e crianças, outrora levadas para a venda no tráfico negreiro.

Após uma longa jornada, com um rastro de depredação — e haveria a volta e as mesmas necessidades alimentares — os atalaias começaram a registrar sinais de proximidade de Udo.

Udo era o alvo, e ele estava à curta distância, no alvorecer em que Obarô, com seu general Ewuare começou a traçar o perfil do ataque. Transformou idéias em comandos e, dois dias após, efetivamente um anel de ferro se fez em volta da pequena cidade, anel que começou a ser apertado à medida em que, ordenadamente, as diversas alas da força enxergavam mais claramente o fito.

Uma das alas, efetivamente, teve de enfrentar resistência armada por parte do rebelde *uzama* Ikme. E essa ala foi praticamente aniquilada; os soldados morriam como moscas, atingidos, à grande distância, por projetis que lhes trespassavam o corpo, sem alojar-se neles, algumas vezes chegando a passar por um corpo e ainda liquidar um outro postado em sua trajetória, morrendo seu impulso no impacto com o segundo corpo. Obarô, entretanto, foi capaz de, suplementando a deficiência daquela ala e, mais, contando com uma avassaladora superioridade numérica, fazer um círculo dentro do grande círculo e encurralar a força inimiga, que se viu esmigalhada, pouco importando as modernas armas de que dispunham.

Udo estava dominada, restava, agora, negociar com os derrotados, na pessoa do *uzama* rebelde Ikme.

Obarô e Ewuarê rejubilavam-se pela vitória, confraternizando com comandantes de alas, atores secundários, mas de importância reconhecida pelos superiores, em rituais de dança e de libação.

Era um fim de tarde glorioso, com o sol a se derramar em tons e sobretons, prestes a se aconchegar no horizonte, fechando uma jornada de júbilo para os vencedores. Obarô, no topo de um leve aclave, tendo a seu lado o general amigo, estava repetindo ainda outra vez a libação para seu deus predileto, Olokun, quando os olhos de Ewuarê, arregalados, registraram para sempre a cena: abriu-se, bem ao lado, para a esquerda, do escapulário depositado no corpo de Obarô por Emotan, um furo de onde saiu instantaneamente um copioso veio de sangue. Os olhos de Obarô se voltaram em suas órbitas, como que buscando ver algo acima, no céu, ao mesmo tempo em que seus joelhos falharam em sustentá-lo. Caiu de joelhos, sim, e tombou para o lado, morto. Ainda perplexo, Ewuarê viu nas costas do senhor da guerra outro furo, imensamente maior, por onde transbordava uma corrente sanguínea, formando já uma poça no chão.

Udô foi aniquilada, não sobrando sequer o *uzama* Ikme, que teve sua cabeça decapitada e preparada para ser levada ante o obá. Foi feito, também, um imensamente triste ritual fúnebre em homenagem ao comandante morto em combate. As condições climáticas e, conseqüentemente, de conservação de cadáveres impediam que o corpo de Obarô fosse levado para um enterro nobre na capital do reino. Assim que, numa macabra coincidência, parte do corpo de irmão querido do obá teve o mesmo destino que o traidor *uzama* de Udô: para que Kotoú, o mestre dos metais, perpetuasse para sempre, no bronze, Obarô, senhor da guerra, Ewuarê determinou que ele fosse decapitado, e a cabeça preservada, não como a de Ikme, mero testemunho de sua morte infame, mas como modelo de um futuro tesouro na galeria de metais dos grandes homens do Reino de Benim, como obás, rainhas e alguns *uzamas* do passado.

A decisão foi solitária, fruto unicamente de uma profunda ferida aberta em seu coração. Não houve razões de Estado, porque o obá fechou-se, todo poderoso, em seu mundo espiritual, deixando de receber os hierarcas do reino. Não houve sequer a chance de saber o que pensava o obá, traumatizado pela perda do irmão dileto. A ordem veio seca e imperiosa:

— Benim não negociará mais com os estrangeiros. Nenhum deles!

Com a cabeça de Obarô, que Ovonramwen se recusou a vê-la, mas que determinou fosse usada para a confecção de um bronze, o jovem general fez chegar ao obá um lote de cinqüenta armas inglesas, exatamente iguais àquela que um dia recebera e que, em verdade, seu Exército possuía, mas em pequena quantidade, pois os ingleses sistematicamente dificultavam sua importação. A bela arma de guerra, saída das forjarias inglesas, na visão de Ovonramwen se constituía na arma europeia, portanto, seu inimigo passou a ser o governo europeu em geral. O desinteresse do obá era tão evidente que nem ligou a outra arma que o militar trouxera, uma metralhadora Maxin, esta uma fantástica máquina de anilquilar.

Houve dificuldades para que a ordem do obá fosse plenamente implementada, na constatação prática de que fora algumas províncias onde os *uzamas* eram realmente fieis ao obá, não tinha como policiar o comércio com os europeus. E isto era mais difícil, ainda, porque Adolô, antes de morrer, firmara um pacto de cooperação com os ingleses, encerrando uma persistente batalha entre seus principais assessores, que se dividiam entre comerciar com os holandeses e, eventualmente, com os portugueses e os que, como demonstrara mais remotamente Abiolá, desejavam voltarem-se para os ingleses. Ao tempo de Ovonramwen a herança de seu pai se enraizara e os ingleses estavam mais presentes do que nunca no comércio com o reino.

A ordem gerada no evento morte de Obarô, causou grande reboição regional, com sua intensidade alcançando praticamente todo o iorubo, a região de Calabar e, mesmo, os extremos da terra dos hauçás, nações muçulmanas aguerridas, postadas ao norte de Benim. As pressões sobre o obá, apesar de sua independência, tornaram-se insuportáveis. O episódio Udô e sua tragédia pessoal não foram capazes de manter o obá de olhos fechados para a realidade de que cada vez mais outros udôs apareciam. A desordem no reino tornava-se descontrolada e Ovonramwen não dispunha mais de armas, especialmente as modernas, e de gente para andar policiando Benim em toda sua extensão. Constatação e pressão regional levaram o obá de Benim a ceder e assinar um acordo com os ingleses, cujos pontos era poucos, mas de grande penetração na estrutura do Estado soberano: Benim aceitava a proteção inglesa, no que concernia às lutas entre comerciantes e nações, a ser desempenhada por agentes consulares britânicos; passava a tolerar a ação dos missionários, portadores da mensagem de Cristo e, por último, permitia aos

cidadãos ingleses o direito de comerciar livremente no território. A porta se abria para as primeiras grandes multinacionais, surgidas das missões religiosas.

Era outro entardecer, e Obayemí, aposentado, reclamava dos mosquitos, enquanto sua esposa predileta Adnaloy servia do mesmo chá a outro antigo camarada que com trazia-lhe novidades do mundo intrincado de que se afastara.

— Os ingleses além de bombardearem Eko, transformaram numa colônia, criaram um colônia com o nome de Costa do Ouro.

— Eu já sabia disto quando conversava com o Adolô. Eu sempre soube aonde os ingleses queriam chegar. — Contrapôs o velho hierarca.

— E as sociedades religiosas, você sabe, Obayemí, eles as estão transformando em empresas; grandes empresas que tomam conta do comércio de regiões inteiras.

— O que você quer dizer? — Indagou de velho para velho.

— Ora, Obayemí, a Sociedade Missionária Basel, por exemplo, transformou-se na Companhia de Comércio Basel, enquanto que a Sociedade Igreja Missionária, transformou-se na Companhia do Oeste Africano.

— E o que elas fazem agora?

— Abrem postos de comércio, seguindo as estradas naturais, os rios, que foram sendo palmilhados pelos desbravadores ingleses...

— Interessante! — Murmurou o velho ex-prefeito de Benim.

O seu amigo foi então quem perguntou:

— E que futuro você vê para isto tudo, Obayemí?

Um suspiro fundo. Uma longa pausa e o encaminhar instintivo de sua mão em busca da caneca de chá, encaminharam-no para a resposta:

— Integraremos a Nigéria!

— Nunca! — sincera e raivosamente retrucou o amigo.

— O tempo dirá. — Limitou-se o conselheiro de obás beninenses a responder.

Não foi necessário muito tempo para que Ovonramwen se desse conta do erro, especialmente ao sentir o quanto concedera no lado espiritual.

Os personagens de alguns anos atrás estavam soterrados, quer pela morte, quer pelo esquecimento. Portanto, mais e mais tinha de ser ele, o obá. Descartara-

se de Obayemí, que tornara-se muito rapidamente um rabugento ancião, imprestável como conselheiro, avaliava o jovem regente. O moço que substituíra o velho *uzama* se mostrava eficiente, mas não tinha um certo quê de perspicácia, característica do antigo prefeito de Benim. Talvez o jovem fosse até melhor do que o antigo prefeito, mas o conflito que se instaurara no obá era fruto de haver convivido com duas personalidades, duas formações, encarregados formalmente da mesma tarefa, cada um a seu tempo. Tempo que estava sendo o mesmo para o obá. Assim, por muitos anos ouviu os conselhos de Obayemí a seu pai, depois para si mesmo. Quando queria receber conselho pela boca de Ogundelê, as palavras não vinham como as de Obayemí; assim, desapontava-se com o novo prefeito. Noutras vezes, quando esperava uma posição desse que fosse parecida com a do antigo, surpreendida-se, satisfeito, que Ogundelê fizera aquilo que por certo Obayemí não teria feito. O mesmo ocorria com o comandante do Exército e com grande parte dos *uzamas* que com ele despachavam.

Fechado cada vez mais em si mesmo e nos retiros espirituais que se impunha, certa feita ouviu a voz dos deuses, que lhe mandavam romper em definitivo com os ingleses, e com as forças do mal vindas de fora.

O ano era 1897.

Ovonramwen saiu de seu retiro espiritual, depois de haver convivido com os ancestrais, com os vários deuses, especialmente Olokum e determinou a seu Exército:

— A representação britânica na Cidade de Benim é o mal. O mal deve ser extirpado. Que isto seja feito de imediato, em atendimento à vontade soberana de Olokum, que me instruiu a assim proceder, em nome de nossa tradição, de nossos deuses, de nossos mortos. A ordem é esta!

Entre a ordem e a execução passou-se pouco mais de um dia.

A porta abriu-se e afável um inglês de nome Skidmore recebeu a visita de um velho amigo, Olosegum.

— *How do you do!?* — Falou o africano, saudando o inglês.

— *Quite well, indeed,* respondeu o inglês que estava tudo bem.

— Pois *meu lord...* — após deliberada reticência, acrescentou o visitante: — acho que nem tudo está muito bem.

— Ah sim, e o que não está bem?

— Tenho notícias muito graves. E não quero fazer negócio com elas...

— Você quer vender notícias, aqui, em Benim, onde todos sabem de tudo?

— Não! — exclamou enfático o africano — Não quero vender notícia. E tanto é assim que estou arrependido de vir aqui e como amigo trazer uma notícia grave. Como você me recebe assim? Nem me convidou para sentar! Vou embora... e, quase como um trejeito se desculpou em inglês — *I'm sorry!*

Deu meia volta e se encaminhou para a porta. Dois passos foram o bastante para que o inglês o interpelasse, curioso:

— O que você tem, Obasanjô, que possa me interessar. Por favor me diga. Antes — reiterou amabilidade — por favor, sente-se.

O africano maneiroso viu sua vitória e prosseguiu em seu jogo.

— Eu tenho, de fato, uma informação muito grave e de seu total interesse. Não quero vendê-la, não. Mas, como sei que você vai ficar eternamente grato pelo que estou fazendo — te informo que em Calabar, ou em Lagos, para qualquer desses lugares que você venha a morar, há uma certa casa bancária... vou dar por escrito o nome, onde você após avaliar esta informação e, vou confiar em seu critério de avaliação, fará o que deve ser feito.

— Mas qual é a informação? — O inglês estava, agora, confuso e ansioso.

— Quero a certeza, Skidmore, de que você vai honrar nosso pacto, embora que nada seja estipulado aqui. Você vai honrar?

— Eu vou medir, no momento oportuno, o que farei; mas a prova que dou de que se for relevante serei generoso, é a seguinte: me dê, agora, o nome da casa bancária que você tem registro em Calabar e em Lagos.

Obasanjô, que já trouxera num papel os dados pertinentes a suas economias em Lagos, Calabar. Passou-o ao inglês o papel onde tinha ainda um terceiro endereço — Amsterdão.

— Então, Obasanjô, qual é a informação?

Branco como cera, tremendo qual uma vara verde, olhos arregalados, parecendo prontos para sair de órbita, a boca entreaberta, deixando escorrer leve viscosidade por sua comissura, o inglês ouviu:

— O obá está louco. Em retaliação aos ingleses ouviu seus deuses considerarem os britânicos como inimigos mortais da Nação Edo. Ele reuniu o

comando do Exército e determinou que toda a missão inglesa em Benim seja sacrificada, saciando o desejo cruento dos deuses.

Em completo choque, o inglês balbuciou:

— Você tem certeza?

Obasanjô foi condescendente, falando firme, mas em seu estilo irreverente:

— Você tem duas opções, Skidmore, acreditar em mim ou não. Se acreditar, aconselho que suma hoje mesmo de Benim, usando os meios que dispor. Deixe para trás seus anéis, leve embora os seus dedos.

A ordem de Ovonramwen foi executada na noite seguinte. Skidmore de fato já andava muito longe, sua casa ficara como se ele houvesse saído para um passeio e fosse voltar logo.

Nas outras casas de ingleses, especialmente nas missões religiosas, rios de carmim escorriam. A execução havia sido feita com armas brancas, produzindo inúmeras decapitações, mutilações horríveis, tudo ensejando o aparecimento em volta aos corpos de muito sangue. O elemento surpresa favorecera aos soldados do obá, mas mesmo com um aviso, poucos teriam tempo de escapar em massa da cidade. Skidmore talvez tenha sido um dos únicos ingleses residentes na cidade que escapara ileso à mortandade.

Cranfield notara que naquele dia ninguém aparecera na missão para ouvir suas histórias bíblicas e levar um pouco de alimentos. Não se importara muito, pois o fato não era de todo inusitado. Eles viriam outro dia, como sempre acontecia. Aí deu-se conta de que nem um velho freqüentador da missão assíduo e serviçal, quase um zelador da casa de rezas também não havia aparecido. Mas isto foi apenas uma lembrança. Nada mais do que uma desimportante constatação.

Agora, o inglês estava sentado a um canto de sua sala de estar, bebendo um destilado, quando ouviu ao longe um passo claudicante de pessoa no lado de fora. Focalizou sua atenção na direção de onde vinha o ruído e ficou imóvel. Percebeu, distinta e claramente que mais de uma pessoa se aproximava, uma das quais mancava. Então viu, o horror estampado na face do inglês, uma mulher seminua, o rosto rebocado com barro branco, um longilíneo facão ameaçador, suspenso muito acima da cabeça mascarada, e ouviu um grito — foi a última coisa que ouviu antes de ter sua cabeça separada do corpo, num golpe furioso e certo de Azonyê. Qual uma bola, saiu rolando pelo chão, salpicando de carmim o outrora

ponto de encontro de religiosos, comerciantes, militares e agentes britânicos. A sacerdotisa se encarregara pessoalmente de exterminar com aquele homem que se atrevia a vir de longe, impor rituais e histórias que contradiziam a cultura e tradições mais caras de seu povo.

Um par de dias adiante, Skidmore contava a seus conterrâneos em Lagos o que deveria ter ocorrido em Benim. Noutra par de dias, estava confirmado. A notícia já corria em Londres.

“*Cidadãos Ingleses Massacrados em Benim*”, sobriamente informava “*The Times*”, o importante e já na época centenário jornal londrino.

“*Missões Inglesas na África alvo de Massacre*”, abria espaço discreto em sua página de assuntos internacionais, “*The Financial Times*”, circulando em sua primeira década de existência.

Numa manchete de primeira página e em editorial, procurando firmar-se como jornal de massas e esmerado na cobertura do exterior, “*The Daily Mail*”, no seu primeiro ano de existência, praticamente clamava por desforra, dizendo que o caso Benim se constituía num exemplo intolerável. Benim deveria ser modelarmente punido.

O Exército e a Marinha ingleses chegaram a Benim, e não foi com muito esforço que arrasaram a cidade. Retribuíram com um banho de sangue e mais, impuseram a pior punição que o povo edo poderia esperar: forças tarefas saíram pela cidade afora recolhendo os tesouros da arte beninense, representada por bronzes, marfins, madeiras e barro, que foram cuidadosamente levados para Lagos e Londres, onde aos poucos foram vendidas para museus importantes da Europa e Estados Unidos, e, pior ainda, destruindo cada um dos pequenos tempos — altares e grutinhas — onde se alojavam suas divindades.

Como o ataque britânico ocorreu, naturalmente, do exterior da cidade em direção à cidadela, foram liquidando tudo que estava fora dos muros de Benim. Assim, os palácios de alguns altos dignitários, aposentados em sua maioria, sofreram a invasão raivosa dos britânicos, que se deslocavam como imbatíveis máquinas de guerra. Liquidaram com a rainha-mãe e todo o seu séquito. Não sobrou alma viva nas dependências de seu palácio. Na marcha encontraram o palácio de Obayemí. O velho *uzama* prefeito de Benim estava pronto, esperando sua vez.

Depois da ordem do obá, e sua execução, tinha certeza de que não demoraria muito, a pata do leão britânico cairia sobre Benim. Não lhe faltara tempo para avaliar as conseqüências, e tomar algumas decisões. Quando ouvia, um pouco distante, o matraquear daquelas armas modernas que os ingleses usavam, vestiu-se como nos tempos de fausto, quando era o principal assessor de Adolô, quando sentava-se à direita do sagrado obá, e comandava de fato todo o reino. Acomodou-se no centro de seu jardim, quase tão luxuriante quanto o do próprio obá, e, cercou-se por um grupo de suas mulheres, alguns de seus netos, bisnetos, outros parentes e serviçais em geral. Parecia que se preparavam para servir de modelo a um artista plástico. Encontrava-se de tal forma descontraído, o velho Obayemí, que não esqueceu de colocar num tamborete a seu lado, a caneca de barro com seu chá ansiolítico.

Os grandes portões em madeira sólida do palácio foram derrubadas como se de brinquedo fossem, com a engenhosa colocação de umas gramas de dinamite, fazendo com que a explosão gerasse grande perplexidade entre os personagens do suposto quadro. O velho refreou-os com um grito de igual força à que teriam seus pulmões aos trinta anos, restabelecendo a ordem. Todos ficaram imóveis, mas não por muito tempo. Seus corpos começaram então a balançar-se, não como num ritual de exultação a seus muitos deuses, mas num balé macabro, sem ritmo e desconexo, desconcertante, à medida em que os corpos recebiam o impacto de uma chuva de projetis, saindo sem cessar da boca das armas de repetição. Em poucos instantes todos estavam mortos, empilhados uns sobre os outros. Em estando Obayemí pronto para a morte, como de fato estava, poderia se esperar, na sua máscara mortuária, do corpo que jazia alí ensangüentado, algum toque de felicidade. Mas não, se preparado estava para morrer, seu corpo não estava igualmente pronto para o impacto terrível de pedaços pontiagudos de metal irrompendo corpo adentro, dilacerando pele, órgãos internos e ossos: sua máscara mortuária era de horror.

Inutilmente os ingleses revistaram a casa, pois numa concepção particular de vida e morte de sua cultura, não fora nada difícil para o ancião africano determinar a forma como eles, seus descendentes, em sua, sua pequena nação, alí convivendo, deveria passar para outro plano no processo divino. Seria, como o foi, um encontro nacional, na sua particular floresta-mãe, fragmento da grande nação iorubana, de onde vieram, séculos atrás, numa dissidência, seus primeiros ancestrais.

Não fora exatamente como dissera certa feita Kotoú, falando com seu obá, o seu amigo e líder, Overami: o Rio Sagrado não se tingira de sangue, senão que numa metáfora, porque ele, o mestre dos metais, no primeiro dia do banho de sangue e saque dos ingleses, se encontrava prestando homenagem a Olokun. Kotoú havia dormido à margem do rio, sob os tristes salseiros, que com sua galharia vergando-se ao rio, pareciam curvar-se soturnos como nunca antes. Acordara com o sol iluminando seu rosto, num alvorecer que para ele parecia glorioso. Quilômetros adiante, em Benim, o mesmo alvorecer era carminado, pelo sangue que vertia de corpos sendo mutilados. O rio arrepiado por uma leve brisa, corrugado formava inúmeras ondulações, que devolviam a luz solar, criando colares de estrelinhas faiscantes. Kotoú, todo de branco, em contraste com sua pele imensamente preta, tão preta quando a de Agahowa, abria os braços saudando seu deus das águas. Era a imagem da beleza, no seu semblante de personalidade alienígena ao mundo dos homens comuns, pondo para fora uma imensa paz interior. Outro *iguneronmwan*, como ele, poderia jogar cera sobre seu rosto naquele momento e obter uma máscara cérea perfeita. Moldaria depois em bronze. Nasceria aí o retrato da pureza. Kotoú curvou-se, a água do rio chegando quase à sua cintura, quando, exatamente qual Obarô, um objeto metálico, em velocidade fantástica, trespassou seu coração e foi um pouco mais adiante, caindo, qual simples pedra jogada n'água, no rio sagrado, e afundando para juntar-se aos outros metais de propriedade do deus das águas. Kotoú tombou, fazendo seu sangue misturar-se as águas do Rio Olokun, o Rio Benim — afluente do dos caudalosos Níger e Benue, a forquilha fluvial de tempos incompreensíveis, tanto aqueles que se encerravam para Kotoú, quanto os que se seguiriam adiante, de humilhação e mais padecimento, até os tempos vindouros de um novo portal, de fantástica guinada na civilização, como já ocorrera ao longo dos milênios, várias vezes.

Os dias de horror terminaram, com a Cidade de Benim transformada num caos. Milhares de pessoas haviam sido mortas. Um trabalho escabroso impunha-se ser executado pelos sobreviventes e pelos soldados ingleses. E isto foi feito, abrindo as portas para a chegada dos representantes do Império Colonial, que firmaram sua presença, e humilharam o obá. Pouparam-no da morte; ele soube que tinha perdido

muito: alguns filhos, sua mãe, sua rainha, Obayemí, o jovem general Ewuarê e muita gente dentre a corte palaciana. Não ouviu falar de Kotoú, afinal, misturara-se com seu Deus e desse tipo de relação os homens não têm conhecimento, nem o obá, que se venerava divino.

Os donos do país, senhores do Império Colonial Britânico, não se dispuseram negociar nada com o obá, apenas informaram que seria deportado para a cidade de Calabar, na colônia inglesa da Nigéria, à qual Benim estava sendo incorporada com aqueles eventos.

Um detalhe, entretanto, marcou a diferença entre as invasões generalizadas às casas, e especialmente às mansões e palácios de Benim, as destruições de grutinhas e santuários nas ruas e casas de gente comum, e a posse do Palácio Real. Aqui, mais do que o comandante R. H. Bacon, chefe militar da denominada Missão Punitiva, despontava um nobre inglês, Sir Ralph Moore, como líder. E foi esse homem quem conduziu a verdadeira tomada do palácio de Benim, como se estivesse se imitando na posse de uma fábrica de cristais, em meio a uma convulsão social. Bacon, o comandante militar, destituiu o obá. Moore, o cavalheiro, impediu que um disparo sequer de arma de fogo fosse feito no interior da cidadela real, para não macular as obras de arte que, na condição de representante curador do *British Museum*, iria recolher. Sua presença na operação de castigo era a expressão de que os ingleses, lá de Londres, sabiam exatamente o que preservar no mais novo território a ser transformado em colônia. Muitas eram, nas diversas alas do palácio, as placas de bronze, com murais da história beninense; as cabeças de reis e rainhas; as esculturas em dentes de marfim, os entalhes em madeira e as peças cerâmicas. Todos e cada um se constituíam em trabalhos que remontavam a séculos de labor, de artistas que se perderam no tempo. O homem de cultura, o curador de museu, em mais de uma oportunidade chegou à emoção incontida, vertendo lágrimas, sensível ao que via ou fazia seus dedos acarinhar. Depois de isolar e mandar catalogar cada uma das peças que foi vendo, alcançou a oficina onde o mais recente mestre dos metais, Kotoú, agora morto, obrava. Ficou perplexo ao ver simples experimentos do artista, cabeças diversas de uma mesma pessoa, com variantes plásticas estonteantes, espalhadas pelos cantos. O curador não se importou, como Kotoú também não ligava, com as barras de ouro que descuidadamente jaziam no local. Houve, naturalmente, após, quem disse se

encarregasse, sem se preocupar em dar ciência quer ao comandante Bacon quer ao tesouro real britânico.

Ovonramwen estava deposto pela força.

Ovonramwen destronado em Benim, chegava agora a Calabar.

O primeiro pensamento que teve, ao tocar o solo de sua nova, e definitiva, morada, foi:

— Exerci o poder plenamente, enquanto meus deuses quiseram que eu fosse o obá de Benim. Talvez volte — retomou seu jeito conciliador original, ainda que em pensamento, alterado com a morte de Obarô —, e se o fizer, exercerei o poder em toda sua extensão.

Já disse, era 1897.

CAPITULO 4

Era 1997, agora. Um século se passara e fazia um dia de primavera, novembro quem sabe. Não havia vento, assim que as grandes árvores dos jardins da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, sustentavam as flores que, em dias de vento, teimavam despencar formando tapetes multicoloridos, que os estudantes pisavam sem atinar que, com seus movimentos, geravam imagens belas e espontâneas que se organizavam e desarranjavam-se. O micro-jardim botânico, de poucos pares de espécies diferentes, acolhia naquele instante dois acadêmicos, num recreio entre as aulas de Direito Administrativo e Direito Internacional Privado. Um era Cláudio, vinte e dois anos, tinha porte atlético, media pouco mais de cento e oitenta centímetros e pesava pouco menos de oitenta quilos. Pele trigueira escura, tinha os cabelos de fios grossos, porém longos e lisos, que se estendiam em ondas pretas, como dobras de colinas em campo aberto, desde uma testa larga e descampada, até a nuca onde o cabelo tinha sempre um recorte bem feito — era uma cabeleira bem cuidada e agradável aos olhos, especialmente das meninas suas colegas. De olhos castanhos escuros, tinham nos cantos, capilares vermelhos visíveis, que não deixavam límpidos o branco no morredouro de seus globos oculares. O outro, Francisco. Esse, trigueiro claro, descendia de sicilianos, do sul da Itália. Seus cabelos eram crespos, quase encarapinhados, castanhos claro. Tinham os dois a mesma idade e sangue africano correndo diluído em suas veias. Francisco era mais baixo do que Cláudio, um metro e setenta centímetros de altura, e pesava cerca de oitenta quilos. Era massudo, risonho, de uma simpatia que cativava qualquer pessoa no primeiro contato. Ficaram amigos num cursinho pré-vestibular, e nunca mais se separaram.

Cláudio, finalmente concedendo aos pedidos de Francisco, resolveu trazer o retrato de um bisavô — um príncipe africano que imigrara para Porto Alegre, dizendo-se fugido de um golpe militar em seu reino.

— E daí, cara, cadê o retrato da majestade?

Cláudio, apesar de todos os anos de amizade, ficou, ainda outra vez, sem jeito com a descontração, costumeira, de Francisco.

— Se vai começar a gozação, cara, 'tou fora. — Não havia irritação, senão que um breve enfrentamento de modos de ser.

— Deixa pra lá Cláudio, vamos; deixa eu conhece' a realeza! — Sorrindo, Francisco não se deixou abater pela reação do amigo.

Cláudio, ainda outra vez, rendeu-se ao charme do colega e tirou de baixo de uma pilha de livros algo que causou grande impacto em Francisco, que foi dizendo:

— Ei cara, é o túnel do tempo hoje?

Cláudio baixou os olhos e encarou uma espécie de conjunto de folhas tamanho ofício, encadernado, de aspecto muito velho, porém íntegro.

— Ah! É uma sebenta de meu tio, prometi pr'um guri do primeiro ano.

— Bah! Tchê, mas esse é um baita tesouro arqueológico!

Cláudio, novamente, como que para confirmar a gozação de seu companheiro, baixou os olhos encarando o caderno. Pegou-o com as mãos e mostrou-o mais próximo dos olhos de Francisco.

— Taí, cara, Introdução à Ciência do Direito, edição de 1959.

Francisco apanhou o exemplar em suas mãos e com curiosidade genuína foi folheando algumas páginas impressas num processo que para ele deveria ser similar àquele com que faziam discos que rodavam a uma velocidade fantástica de setenta e oito rotações por minuto, tinham doze centímetros de diâmetro, executavam apenas uma música de cada lado e quando caíam no chão de espatifavam.

Da peça impressa em mimeógrafo, todas as folhas bem amarelinhas ante a passagem do tempo, numa virada de página, Francisco encontrou o retrato de um homem negro. A foto, obviamente velha, muito mais do que a sebenta que a continha, definia seu contraste, seu claro escuro, não nos tons de preto e branco, senão que em variantes de marrom — em sépia, era a fotografia.

Cláudio e Francisco grudaram os olhos no retrato que foi deslocado da apostila para as mãos do descendente.

— Mas bah, cara... — foi tudo o que Francisco disse, ao impacto da fotografia.

Os olhos de ambos fixaram-se na imagem, e lá estava um homem de idade indefinida, para eles, na flor dos vinte anos, inquestionavelmente, um velho. Vestia-se de um jeito inusitado, tanto quanto deve parecer a um carioca, um cidadão pilchado. Seus sapatos apareciam em destaque na foto, pois além de conter pequenos laços, ficavam expostos de todo eis que, ao invés de calças, seguiam-se, em direção aos joelhos, meias que continham, como os sapatos, pequenos adereços. Dos joelhos

para cima, as calças bem largas subiam partindo de um afunilamento até serem encobertas por um colete e uma casaca curta. Os punhos dessa casaca eram rendados e debruados por algo que pareciam pequenas pérolas, as mesmas que faziam o debrum da gola e abertura peitoral que mostrava o colete. A foto estava muito desgastada; assim detalhes que eram indicados pelo toque do dedo sobre a mesma, ora de Cláudio ora de Francisco, pouco podiam ser esclarecidos. Em seu peito esquerdo, pouco acima do coração, parecia estar bordado algum símbolo heráldico. O colarinho era fechado com uma borboleta, dava a impressão, bicolor.

— Mas olha a coroa dele! — Não resistiu Francisco.

— Deixa pra lá; não é coroa, nada. Deve ser um turbante — contrapôs Cláudio. De fato, por sobre seu rosto arredondado, com uma sombra que poderia ser um discreto bigode, fixavam-se acima de um nariz chato, olhos intrigantes. A fotografia, seguramente tirada num estúdio, como se faziam naquele tempo, colhera um pouco da alma e do temperamento que diziam seus contemporâneos, tinha aquele homem. Se quisessem dizer, olhando a foto, que ele era autoritário, que impunha sua vontade, teriam seguramente acertado. Se quisessem dizer que ele era ladino, engenhoso, teriam razão. Se quisessem dizer, olhando a foto, que ele era um homem de posses, também acertariam. Tudo isto podia ser extraído de três detalhes importantes de sua imagem fotográfica: os olhos, os lábios e a formação muscular do rosto, extravasando de seu ser todas essas nuances. Como as máscaras de Kotoú, seu compatriota, contemporâneo, mas com quem jamais se encontrou, aquele instantâneo mecânico — a impressão de nuances de luz sobre a placa sensibilizada quimicamente que recebeu a estampa que atravessou a lente da máquina de retratos, tinha o condão de criar, em definitivo, algo aberto à interpretação futura em formas várias, como os tons na fotografia e a plástica em máscaras iguais às geradas por artistas, semelhantes ao mestres dos metais do reino.

— Bom, cara, e aí, agora começa a contar a história do teu nobre parente.

Cláudio saiu do devaneio, sustentado enquanto olhavam a fotografia, e de supetão, inserido na realidade daquele momento disse a um Francisco, pasmo:

— Não sei merda nenhuma dele! Tu acredita? Na minha família nunca, mas nunca mesmo, falaram sobre o velho aí; eu mesmo só há pouco tempo vi a foto, e fui perguntar aos meus coroas. Disseram o mesmo que eu te disse quando falei pela primeira vez e tu encheu o saco pra eu trazer a tal de foto.

— Qual é, cara, tu tens o retrato do vovô; guarda como relíquia e não sabe nada dele. Eu sim, vejo a minha *nona* falar dos caras lá da Sicília, mas eles saíram com tanta pressa de lá que não trouxeram um retrato sequer. Aliás, a bem da verdade, acho que não aparecia fotógrafo nenhum naquela porra de atraso. — E continuou: — Tu não viste um filme italiano recente, do cara que ia arrancar grana dos trouxas lá no interior dizendo que estava fazendo um filme... é coisa mais recente que esse negócio aí do teu vovô, e eles não conheciam máquina de cinema. Então, cara, desembucha e conta lá como era na África?

— Não enche, cara, eu não sei nada mesmo. Nem sei como foi parar lá em casa essa tal fotografia...

— Ora, como!?, ele é teu bisavô, né?

— Ah isto lá ele é... ei, tão chamando para a aula...

— Cadê o sino que afanaram?

Cláudio colocou com carinho a fotografia num outro livro — iria emprestar a sebenta pré-histórica para um amigo do primeiro ano — e levantou-se atrás de Francisco que já corria em direção à entrada lateral, do velho bar da escola.

O assunto não morreu aí. Francisco voltou, noutra recreio, uns poucos dias adiante e trouxe o resultado de um processo de meditação. Expôs seu plano ao Cláudio:

— A Internet está pegando, cara.

— E daí? — Retrucou Cláudio.

— Eu tive uma idéia. E se a gente, cara, entrasse num circuito de universidades na Nigéria atrás de teu bisavô?

Houve resistência, mero instinto de defesa, da parte de Cláudio. Francisco avançou:

— Tenho um amigo no Instituto de Informática, lá no campus da Universidade, em Viamão. Eles têm Internet de barbada e usam aquilo o dia todo. Fazem pesquisa a varrer. Têm contatos no mundo todo. Vamos um dia desses lá em Viamão, cara?

Cláudio não fechou a porta, dizendo um “vamos ver” e mudando de assunto.

Já no dia seguinte, noutra encontro de recreio, Cláudio se rendeu:

— Aquele negócio da Internet. ‘Tive pensando a respeito e acho que a gente pode ir lá.

Numa tarde adiante deslocaram-se ao campus da Universidade, onde encontraram-se com o amigo de Francisco. Primeiro houve uma apresentação apaixonada do aluno de informática das máquinas fantásticas que tinha à disposição. Ele se sentia, e disse com palavras parecidas, como piloto de um desses maravilhosos aviões à jato da Força Aérea Brasileira, num mundo do futuro. Ele mandava e os computadores atendiam. Fazia perguntas aparentemente inextricáveis, e lá vinham as respostas. Mandava mensagens eletrônicas, *e-mails*, e em seguida a carta sob a forma de *bytes* voltava do outro lado do mundo. Feitas demonstrações, atendidos pedidos de curiosos assistentes, chegou o momento da pergunta:

— Fazemos fazer o quê?

Francisco resumiu:

— O cara aqui é nobre...

— Para com essa porra, Xico!

— É... ele tem na família um príncipe que veio da África no começo do século.

Mas tu sabe lá, não é cara, África é um baita continente...

— É... — resumiu o aluno de informática.

— Pois, tchê, como é que a gente pode usar essa tua maquinaria, esses teus *e-mails*, o tal de *Yahoo*, para achar de onde veio o vovô do cara aí?

— Bom — tartamudeou o jovem da informática — ‘tá meio complicado. A gente mandar uma serie de *e-mails*, não é coisa difícil. A questão é para quem enviar e, mais complicado, ainda, o que exatamente perguntar?

Os três, Roberto à frente de sua máquina, Francisco e Cláudio flanqueando-o, ficaram por um bom tempo com os olhos vidrados na imagem congelada na tela multicolorida, onde um desenho teimava em se mover sobre o fundo estático, evitando a sensibilização indevida do tubo catódico. Estavam diante de um universo fantástico. Podiam, como nunca antes ocorrera na história do homem, se comunicar com a velocidade que aquelas máquinas ensejavam, com pessoas que poderia ser seus antípodas. Estavam diante de equipamentos capazes de buscar informações em bilhões de páginas de livros armazenados em bibliotecas de todo o mundo, em arquivos de jornais e revistas, em repartições públicas e, mesmo, em bancos de dados pessoais, em frações de segundo. Mas essas máquinas fantásticas precisavam de um guia, quem dissesse exatamente o que desejava e, estritamente na forma em que elas seriam capazes de procurar. À frente do computador, ligado

em rede ao sistema ultramoderno da Universidade, concluíram que não podiam fazer nada. Não sabiam o que perguntar.

A visita terminou em promessas: Roberto, de que estava às ordens, desde que trouxessem exatamente o que desejavam; Francisco, reiterando sua amizade e instigando o jovem da informática a comparecer sábado no jogo de basquete, na quadra da ACM. Cláudio, se propondo a buscar mais informações, o que ele sabia que não iria conseguir. Portanto, tudo indicava que a curiosidade sobre o nobre ancestral africano de Cláudio iria para o arquivo, até quem sabe outra geração, quando as coisas fossem mais fáceis.

No retorno para Porto Alegre, a impressão era, mesmo, de que Francisco se desinteressara pelo assunto, na mesma medida de Cláudio. Falaram o tempo todo sobre questões de suas matérias na faculdade e os exames de fim de ano que estavam chegando rapidamente.

Uma das grandes instituições do ambiente universitário é, sem dúvidas, o recreio. Alí, ao longo de cinco anos, normalmente, consolidam-se amizades, que perduram por décadas após a formatura, mas que, via de regra se apartam na diversidade dos caminhos que se abrem no pós graduação. Uns voltam para o interior do Estado, outros vão ser juízes e promotores, iniciando a carreira em comarcas distantes; outros agregam-se a escritórios de advocacia, constituem os seus próprios, dão andamento aos de seus pais, vão trabalhar em ramos diversos do direito. Mas, naqueles cinco anos, de segunda a sexta feira, quatro vezes por dia há o recreio e nele são arranjados todos os problemas da pátria e do mundo. Grandes conspirações nascem ali; enterram-se da mesma forma, soluções fantásticas para as questões sociais. Assim que, num desses recreios, o professor de Filosofia do Direito avisara que não viria à aula, extendendo o recreio por mais quarenta e cinco minutos. Cláudio e Francisco começaram a debater um assunto ligado ao currículo. Acabaram de sair de uma aula de Direito Internacional, assim que foi com naturalidade que Cláudio, de mansinho, começou a falar, esgotado o tema anterior:

— Meu tio, aquele da sebenta pré-histórica, trouxe de Londres a autobiografia recém lançada de Nelson Mandela. O título é: *“A longa caminhada até a Liberdade”*. Meu tio sugeriu que eu tentasse ler um capítulo, um qualquer — e escolheu esse qualquer “ao acaso”. Fui em frente, topei ler o capítulo. Olha, cara, terminei aquele e

voltei para o princípio do livro, li todinho, quase oitocentas páginas num fôlego só. É de arrepiar-se a cada instante.

Francisco sabia da habilidade de seu amigo no inglês, tirara nota nove no vestibular, portanto nada comentou quanto ao texto estar no original.

Cláudio continuou:

Mandela havia sido julgado e condenado por traição. Como não queriam vê-lo transformado em mártir, optaram por prisão perpétua, ao invés de enforcamento, como poderia ter ocorrido. Foi mandado para o presídio onde cumpriu um longo período de ingentes sofrimentos. Era trabalho forçado mesmo: quebrar pedras, coisas assim. Isto foi em 1956, quando vítima de uma traição, recebeu o mandado de prisão, por crime de alta traição. Houve todo um ritual legalista, inclusive com exame médico e a declaração formal de cada um dos presos, seus companheiros, de que não se encontravam sofrendo de qualquer tipo de moléstia. Houve, também, a denúncia formal, de que agiam com violência contra o Estado, e tinham como objetivo desestruturá-lo para ser implantado um regime comunista.

— Xico — prosseguiu Cláudio —, só lendo. Tu precisas ver o formalismo legal seguido pelo governo racista, cujos escrúpulos quanto à subversão do legalmente estatuído constituía-se num anacronismo ao que era praticado pela polícia, nas ruas, e pelos órgãos da administração, no relacionamento entre brancos e negros. A rígida aplicação no tribunal de preceitos legais, enquanto lia, traziam-me à mente histórias que ouvi, coisas que li, quanto ao tratamento de presos políticos aqui no Brasil, depois do golpe de 1964. Nem se fale na Argentina, Chile e Cuba, do *paredon*, de que fala meu tio.

— *Paredon!?* — Admirou-se Francisco.

— Ah, logo depois da revolução cubana, aqueles que eram considerados como traidores do Estado, eram fuzilados num muro, que ficou conhecido mundialmente como *paredon*.

Feita a explicação, prosseguiu sem ser professoral, mas como alguém que está contando um caso: — Vou ver se consigo ser fiel a uma parte, no capítulo indicado por meu tio. É descrito que num segundo julgamento, quando se encontrava já na ilha, onde mais sofreu, e de onde partiu glorioso para a liberdade, foi avisado de que iria à corte e que deveria apresentar-se condignamente. Foi com uma camisa que todo o mundo conhece, afinal é o traje nacional de sua etnia, uma pele de leopardo chamada *kaross*. Fez a *galera* entrar em delírio. E Mandela diz: “

Entrei vestindo traje nacional para marcar simbolicamente que eu era um africano adentrando uma corte de brancos”. A seguir, tudo no lugar de novo, as pessoas das galerias se acalmaram, e Mandela, valendo-se dos caminhos da lei, pediu e conseguiu um recesso de duas semanas, sob a alegação de, tendo sido removido para Pretória, não tivera condições de notificar seus defensores.

Cláudio fez uma pausa e prosseguiu para seu silente e atento ouvinte:

— Olha aqui, cara, o que estou querendo dizer, e não sei se tu tá me entendendo, é que naquele inferno lá de *apartheid*, de horror policial e militar, a Justiça tinha de ser respeitada como instituição. Os juízes não abriam mão de sua soberania como detentores de um Poder, ainda que os outros poderes não gostassem. É o oposto daquele conceito meio careta, aqui, de que todos tem direito igual de proteção jurisdicional pelo Estado. Mandela conhecia o sistema, respeitava-o como instituição, e dele hauria os direitos que ainda podia pleitear. Vou te contar o fim dessa fração do livro, para ver se tudo se clarifica mais, no país que seguia como modelo a lei costumeira britânica.

Fez uma parada e indagou, sem esperar resposta: — Te lembra das aulas sobre direito costumeiro, consuetudinário e escrito?

Prosseguiu:

— Quando Mandela voltou dessa sessão, apareceu o seu carcereiro, um soldado, que lhe informou: “você não pode ir mais às sessões vestindo o *kaross*”. Mandela narra que o carcereiro tremia muito e chegou a desabafar ante sua negativa em atendê-lo; disse que seria punido pelo comandante, “caso você não obedeça”. Mandela lamentou muito, mas não abriria mão de seu símbolo nacional. Pois, o chefe do carcereiro, um coronel, veio em pessoa ameaçar o prisioneiro. — Cláudio mudou o tom de voz para dizer em inglês a palavra surpresa: — *Surprise!* Mandela, o prisioneiro, o inimigo do Estado, o traidor número um do sistema *afrikanner*, ameaçou o coronel de, se ele continuasse a insistir, levaria a matéria à Suprema Corte de Justiça...” E o coronel se *richou!*

— Que coisa, hein Cláudio. Até parece aqui!

Os dois levantaram-se e, lado a lado, rumaram na direção do bar, antes parando para tomar um cafezinho e confraternizar com outros colegas do quinto ano. Estavam na iminência de ver encerrada, todos eles, para sempre, aquela fraternal convivência, aqueles anos que não mais voltariam.

Naquele mesmo dia, chegando em casa, deparou-se Cláudio com a grande novidade. Seu velho deixara no corredor que conduzia ao quarto de Cláudio, um conjunto de caixas de papelão: numa estava o CPU, noutra o monitor, ainda noutra o teclado e na maior a impressora. Era o computador tão sonhado.

Leu os manuais com atenção e foi ligando as coisas como prescrito. Nas primeiras horas da madrugada que chegara, lá estava a tela iluminada, aparecendo um conhecido logotipo, a sinalizar que podia INICIAR, clicando sobre essa palavra, a aventura que se constituía nos anos finais um mil e novecentos ter aquela máquina em casa.

Foi meramente por impulso que, seguindo uma das sugestões do catálogo operacional de seu acesso à Internet, escreveu na linha em que um pequeno traço vertical a piscar, parecia convidá-lo a escrever a partir dali, o conjunto de iniciais, palavras símbolos gráficos: <http://www.altavista.com>. Assim, no linguajar com que começava a se iniciar naquele instante, após alguns instantes, apareceu uma tela multicolorida, com anúncios e sugestões, mas com uma nova “janela” (essa palavra ingressaria em inglês, windows, e em português no seu cotidiano, toda vez que se sentasse à frente daquele personagem eletrônico com quem, já uns dias adiante, passaria a xingar, contestar, celebrar vitórias, como se vivo fosse e estivesse em condições de retrucar seus ataques ou parabenizar suas vitórias), onde escreveu **Principe Africa Brasil Século XIX**. E deu a ordem de “entrar”, ou seja, exerceu seu poder fantástico de mandar aquele robô, à velocidade da luz, sair pelo mundo afora em busca dessa cadeia de informações, adentrando bancos de dados onde estivessem, lendo bilhões de informações, em busca do que ele, o Cláudio, queria.

A Internet respondeu de seu modo, dando a primeira, apenas a primeira, resposta desconcertante, fazendo com que, no silêncio das primeiras horas do novo dia, irrompesse em seu quarto um sonoro:

— Porra, e daí? — Começava a falar com o computador. Na leitura silenciosa dos livros, rotina desde que se alfabetizara, jamais sentira o impulso de se comunicar com as páginas impressas no papel à sua mão.

O sistema de busca respondera que havia exatos 4,987,733 de documentos que se encaixavam na sua pergunta. A grande decepção, naturalmente, na mente do jovem Cláudio, se tornou no primeiro desafio, e começou a perguntar e perguntar para a máquinas, fazendo-o nas mais diversas formas, sem que ela, a vistosa e colorida máquina, desse indícios de que fosse cansar, se tornar entediada, chamá-lo

de burro etc. Foi, assim, em frente, mas sem resultados animadores, até que quando seu deu conta, num relógio postado no canto inferior esquerdo da tela, viu que eram cinco horas da manhã. Foi dormir, sem resultados, ou com resultados em excesso, mas feliz pelo desempenho da máquina. A partir daquele momento ele voltaria outras vezes àquele sistema de buscas, com o qual iria se familiarizar, e começaria a refinar a qualidade das perguntas, obtendo cada vez menos documentos e mais próximos ao universo que realmente lhe interessava.

Aquele novo mundo tinha outra peculiaridade: a abrangência das respostas, levava a novos caminhos que, por interessantes, desviavam o foco central. Passava a aprender outras coisas, e assim o tempo consumido em frente ao monitor aumentava, especialmente na noite e madrugada adentro. A questão Príncipe, por dias, as vezes, simplesmente desaparecia e ele se via envolvido com outros temas. Como ficara impressionado com Nelson Mandela, encontrou documentos fantásticos sobre o período em que ele era um contestador, em liberdade, ao regime sul-africano. Viu fotografias e mesmo filmes documentários sobre a Robben Island, a ilha que em sua biografia, Mandela intitulou como “Os Anos das Trevas”. Ficou satisfeito, achou que tinha chegado perto, quando examinou documentos, comentários e estudos sobre um rei achanti, Prempeh I, da atual Gana, que fora deposto pelos ingleses, porém exilado para as Ilhas Seychelles, no oceano Índico, em 1896. Cláudio estava chegando ao olho da tormenta, mas a rota que estava trilhando não lhe dava qualquer indício de que isso estava acontecendo. Como num brinquedo de cabra-cega ele estava mais quente do que nunca, mas não sabia. Ilustrou-se sobre a cultura guerreira dos achantis, que, aprendeu, constituíram-se no grande contingente dos escravos qualificados como “negros mina”, enviados para o Brasil, eis que haviam transitado pelo entreposto, o mesmo em que o rei despachado para o Índico ficara preso por algum tempo, o castelo de São Jorge da Mina — o famoso Castelo da Mina.

Então Cláudio descobriu outra coisa, as livrarias virtuais. Aprendeu que, com seu cartão de crédito que tinha como lastro uns poucos duzentos reais por mês, garantidos pelo “banco central” do pai, podia pedir indagar por temas nessas livrarias e receber de volta centenas de títulos de livros relacionados com um certo assunto. Encomendou um primeiro, para testar. Surpreso, duas semanas depois, o carteiro lhe entregava em casa, o exemplar solicitado. Era um livro bonito, com uma encadernação primorosa, papel, o fabricante declarava, reciclável, muito leve, tudo

isto por menos de vinte dólares. E maravilhado, começou a receber semanalmente um e-mail avisando que havia à sua disposição, se quisesse comprar, os seguintes livros: em anexo vinha uma relação de sugestões do editor global.

Livros como se multiplicam. Em poucos meses, a curiosidade despertada pelo bisavó ia ocupando espaço em prateleira que tinham uma feição diversa de até a chegada do computador: as lombadas ostentavam belos envelopes que atrativamente indicavam nomes em inglês.

Era um encontro familiar. Naquele dia, bodas de ouro de um casal de tios, muitos dos antigos — parentes muitos que ele sequer conhecia, e eram uns pouco mais velhos do que eles, outros um tanto mais novos, portanto, de qualquer forma mais próximos do que um perdido bisavô — quando ouviu a história de que o Príncipe recebia, numa agência local de um banco da Inglaterra, uma pensão, e que essa pensão lhe foi paga em libras esterlinas, até o fim de sua vida.

Havia a Internet, em seu quarto estavam os livros sobre África, conhecia, agora, institutos de estudos africanos em várias partes do mundo, especialmente em universidades americanas, africanas e inglesas. O uso de sistemas de buscas na Internet era atualmente uma ferramenta que ele sabia muito bem usar. Portanto, o dado da pensão em libras esterlinas constituiu-se num elemento precioso. Pareceu-lhe que, naquela informação poderia estar a chave do quebra-cabeças. Mas, em verdade, ela materializou-se naquele encontro em família, quando os velhos resolveram abrir o arquivo lacrado, e soltar ao vento pastas amarelecidas de registros herméticos. Ele — o Príncipe - falava inglês e se comunicava, na velha Porto Alegre, naturalmente, em português. Havia vindo de Rio Grande, o porto marítimo do Estado que escolheu para construir suas famílias brasileiras e, ao fim, descansar num braço do Olokun, um rio de nome Guaíba.

CAPÍTULO 5

Para Ovonramwen havia sido destinado um palácio distante do centro de Calabar. Ao chegar, esperava-o, sem qualquer gesto de cortesia, simpatia ou tolerância, mas com fleuma, um cônsul inglês que parado à sua frente, declarou:

— O senhor é um expatriado. Foi-lhe poupada a vida, por ordem expressa de Sua Majestade, a Rainha Vitória.

Feita esta introdução, sem que o obá movesse um músculo sequer de sua face, ou fizesse algum movimento corporal, prosseguiu o inglês:

— O senhor cometeu, ou mandou perpetrar, sendo portando o responsável, crime de genocídio contra cidadãos ingleses indefesos.

Fez uma nova pausa, como que esperando uma contestação, um pedido qualquer de esclarecimento, mas o obá ainda mantinha-se qual uma esfinge. De forma que prosseguiu o cônsul:

— Nosso Império tem uma tradição legal que faz recuar sua origem há muitos séculos, em processo de constante aprimoramento, em favor das pessoas, do cidadãos, tutelando-os contra delitos, seja qual for a origem. — E repetiu, seja de qual origem for.

Era um monólogo, apenas com pausas. Assim que o cônsul compreendendo ser essa a situação, foi até o fim do que tinha a dizer:

— Como determina nosso sistema legal costumeiro, do Reino Unido, o senhor, não obstante a gravidade do crime cometido, fará jus à proteção legal do Estado, direito de qualquer ser humano, sob as leis do Império. Assim, regras estritas serão aplicadas à sua estada em Calabar... — Fez uma pausa o fleumático mensageiro, para nariz erguido, com orgulho genuíno, aduzir —... agora território da Coroa de Sua Majestade, a Rainha Vitória, parte do Império onde o Sol jamais se põe, como também é Benim.

Nesse único momento um músculo descontrolado alterou a face do impávido obá. E o cônsul notou e pensou: — Estou vingado.

Finda a conclamação nacionalista, arrematou:

— O Império espera do senhor, um mandatário outrora, o cumprimento das obrigações legais, de pessoas em sua situação. O senhor terá movimentação restrita, irá viver sob um regimento especial de um condenado, mas terá,

igualmente, todo o direito de representar às autoridades da Colônia contra tudo aquilo que considere e possa provar como usurpação à seus direitos de ser humano.

Disse a última palavra e, quando se preparava para dar meia volta, já que o obá não se dignara a reagir verbalmente a todo o discurso, ouviu uma emanção vocal que não compreendeu. Chegou a formular: “*I beg your pardon?*”, dizendo “o que o senhor disse?” Mas nenhum outro som foi ouvido. Deu as costas e saiu do recinto, deixando o obá do mesmo jeito que encontrara, imóvel, ereto, nos seus cento e oitenta centímetros e, apesar dos dissabores, pesando uns cem quilos.

Já no exterior da nova residência do obá, o cônsul indagou a um acompanhante que falava edo:

— O que ele disse, ao fim?

— Disse, sim.

— Que bom, ele entendeu tudo então, principalmente que Benim pertence agora ao Império Britânico.

E seguiu mais feliz, sentindo haver cumprido sua missão.

O palácio não era sequer uma pálida sombra daquele um dia sua residência oficial na Cidade de Benim. Não tinha o jardim, a mata adiante e muito menos as cavalariças no planalto. O interior era despido de qualquer manifestação de arte — as placas de bronze, as cabeças, os marfins — nada, apenas paredes nuas. Surpreendeu-se com aquele que seria seu quarto de dormir. Havia o local obviamente para deitar-se, mas era um conceito diverso daquele de sua real morada em Benim. Chamou-lhe mais a atenção uma espécie de pano multiperfurado, extremamente fino, que descia da parte superior da cama em direção aos pés.